

Maria Olga Portela Gonçalves de Paz Sequeira

A Igreja do Mosteiro de São Miguel de Refojos de Cabeceiras de Basto

Resumo

Pretende-se dar uma visão da monumental Igreja do Mosteiro de S. Miguel de Refojos, em Cabeceiras de Basto. Na verdade, trata-se de uma grandiosa construção, possivelmente traça do arquitecto bracarense André Soares, construída de 1755 a 1766. Mas esta igreja, com curioso zimbório anterior ao da Basílica da Estrela, em Lisboa, deve ser vista e integrada na diacronia da história do antigo Mosteiro Beneditino. Por isso, a recente intervenção da DGEMN, veio dar relevo e avivar a beleza desta jóia monumental.

Abstract

This paper describes the monumental Church of the Monastery of S. Miguel de Refojos, located in Cabeceiras de Basto. The architect responsible for this magnificent building, built between 1755 and 1766, was probably André Soares, from Braga. This church, with its curious cupola, older than one found in the Basílica da Estrela in Lisbon, should be considered and included diachronically within the history of the ancient Benedictine monastery. Furthermore, the recent intervention by the DGEMN has revived and highlighted the beauty of this monumental jewel.

Introdução

Quem se dirige à Praça da República na Vila de Cabeceiras de Basto, depara com a Igreja de S. Miguel de Refojos contígua com o Mosteiro. O edifício conventual ocupa o actual centro da vila e faz parte do conjunto arquitectónico onde cada corpo tem uma finalidade diferente. Reparte-se por dois grupos de corpos rectangulares e o grande claustro comunica com a igreja.

A igreja surge como a obra mais monumental deixada pela Ordem Beneditina em Portugal. Contém um discurso a nível de arte e arquitectura, atingindo a construção a exuberância do estilo barroco rocóco, pois a arte barroca, forte e

pujante, despertava nos crentes também “fuentes pasiones capaces de transportar el alma a um nível superior”¹.

Fr. Tomás de Aquino elogiou-a como o templo de maior magnificência na província do Minho, e parece ter confronto com a Basílica da Estrela, em Lisboa.

O edifício religioso sobressai pela dimensão e criação do espaço, pela harmonia do conjunto, por toda a riqueza dos ornatos graníticos, arte da talha, monumentalidade pela força dos frontões, imponência do zimbório e lanternim sobre o cruzamento do transepto que nenhum o iguala. É assistido por um vasto programa de cantaria e carpintaria contemplado na capela-mor, sacristia e no seu interior.

Apesar da ausência de plantas, de muita documentação sobre o Mosteiro de S. Miguel de Refojos ter desaparecido e outra andar dispersa em mãos privadas, os “Estados” dos Mosteiros enviados para os Capítulos Gerais, crónicas, manuscritos e a Benedictina Lusitana, de Fr. Leão de S. Tomás, ajudam-nos a ver a obra deixada pelos monges de S. Bento nesta região.

Da documentação disponível é consentâneo realçar a seguinte transcrição, pela sua relevância:

“A igreja de São Miguel de Refoios está contigua com o dito mosteiro e he muito antiga, não a primeira, que ouve, mas a segunda, acrescentada no mesmo ciúo da primeira; he bastante comprida; os relligiosos tem nella hum clerigo por cura, que faz as veses de parcho, pello que tem sua congrua, que hoje poderá render, hum anno por outro, vinte mil reis, dispõe tudo de pé do altar e he nomeado pello D. Abbade do mosteiro, em dia de São João de cada hum anno; hoje he cura o Padre João Pacheco de Andrade. Tem esta igreja dous sacriários: hum na capella-mór, que he dos relligiosos; e o outro o do senhor cruxificado, que está no cruseiro, de parte da epistola, o qual he dos fregueses; fronteiro a este altar, está outro de Nossa Senhora do Rosário. O altar-mor tem no alto huma imagem de São Miguel, muito bem feita; e de parte do evangelho, São Bento; e da parte da epistola, Santa Escolástica: tudo de vulto. O altar collectral do evangelho he de Santo António; e o da epistola, do nome de Deos. Abaixo do cruseiro e fora das grades, da parte da epistola, está outro altar de Santa Quitéria; e todos estes seis altares estão dourados e ornados com toda a decencia; e sobretudo, no de Santo Amaro, está hum painel de Nossa Senhora, de singular pintura e também boa a do painel, que lhe corresponde, da outra banda. Na illarga do frontespício da igreja, contíguo ao convento, está huma elevada torre de pedra, de cantaria, en que estão os sinos e relogio².

¹ VARRIANO, John – *A arquitectura italiana del Barroco al Rococo*. Madrid: Aliança Editorial, 1990, p. 14.

² CRAASBEECK, Francisco Xavier da Serra – *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano de 1726*, ed. Carvalhos de Basto, 1992, pp. 269-270.

A IGREJA DO MOSTEIRO DE SÃO MIGUEL DE REFOJOS DE CABECEIRAS DE BASTO

Sobre o lançamento do edifício outro documento diz:

“Lançou-se a primeira pedra na igreja nova de basto no ano de 1755 e lançou-a o Rmº Fr. Francisco de S. José, sendo D. Abade do Mosteiro, com todas as cerimónias pontifíciais”³. Sagrou-se em 1766.

Aquando do regime dos abades trienais eleitos em Capítulo Geral, Refojos em 1570 era governado pelo prior Fr. Tomás de Touro, o primeiro abade do mosteiro. Procurou-se fazer a reforma dos edifícios monásticos e oficinas e ao mesmo tempo, instituiu-se o Colégio de Latinidade. O Capítulo Geral de 1590 estabeleceu prioridades para as obras dos mosteiros.

As de Refojos começaram na primeira metade do século XVII, incluindo a igreja nova que ainda se construía por volta de 1644 conforme testemunha Fr. Leão de São Tomás⁴. O templo religioso seria apeado e reconstruído com outro espírito e novo plano, sendo que seguía os ditames de Tibães, por deliberar a reforma arquitectónica dos velhos mosteiros seguindo-se inspirações barrocas. Neste período, a igreja de Refojos figurava em terceiro lugar.

Como já foi dito, em 1644 segundo o cronista Fr. Leão de São Tomás, incluía uma igreja nova para monges e fregueses com formosa entrada, alameda e terreiro comprido.

A construção teve acordo entre o arquitecto bracarense André Soares (da escola de Braga) e o abade geral beneditino de Refojos Frei Francisco de São José entre o período de 1758 e 1761. O padre Fr. Tomás de Aquino louvou-lhe a grande empresa de edificação da igreja. A obra foi continuada pelo irmão donato Fr. José de Santo António Vilaça, vindo de Tibães para Refojos, onde trabalhou de 1764 a 1770. Terá sido o entalhador do famoso cadeiral e pensa-se que foi o primeiro que o executou, pois durante anos foi atribuído ao entalhador Manuel Carneiro da Costa e ao ensamblador José da Costa Fernandes.

Eram necessários os seus serviços e quando aí chegou, no novo edifício ainda se levantavam paredes, construía abóbadas, lajeavam capelas e instalavam vidraças, obrigando-se a tomar parte na campanha dos enquadramentos graníticos e parece ter desenhado algumas das molduras das portadas e confessionários embutidos nas paredes, e riscado o “pátio da igreja”. Aquando da sua transferência para Pombeiro, os trabalhos continuaram por mais de uma década, depois de 1770.

Do jardim da Praça da República visualiza-se a fachada da igreja que nos transmite uma imagem muito equilibrada.

³ SÃO LUÍS, Fr. Francisco de – *Apontamentos beneditinos Mosteiro de Singeverga, citando o Costumeiro de Basto*, f. 100-101.

⁴ SÃO TOMÁS, Fr. Leão – *Benedictina Lusitana I*, Lisboa, IN-CM, 1974 (1644) p. 493-502.

O alçado principal data de 1763. Tem porta com jambagem de granito trabalhado sobrepujada por um nicho que abriga o padroeiro S. Miguel, a flanqueá-lo dois janelões proporcionais de moldura de pedra e à frente um varandim de 11 metros de comprimento. As armas da Congregação de S. Bento desfrutam-se no tímpano.

A cruz de remate encima o elegante frontão da empena e dois fogaréis de grande equilíbrio. Existem, ainda, dois nichos com as estátuas de S. Bento (à esquerda) e sua irmã Santa Escolástica (à direita). Logo abaixo dos nichos existem, também, janelas simples, graciosas e bem delineadas.

É ladeado por duas sólidas e elegantes torres sineiras de granito que se enquadram com perfeição, com cúpulas de cantaria circundadas de balaústres, fogaréis e pirâmides de remate em cada ângulo. A da esquerda contém quatro sinos com marcas e inscrições. “Desfesse a torre por ameaçar ruína, e desceram-se os sinos; fez-se um campanário, em q se puzerão os sinos piquenos; concertou-se o relógio e fezse hua (...) os sineyros desgastaram”⁵. Em 1829 um raio danificou a torre do lado direito, mandada reparar pelos monges ao mestre canteiro Pedro José Luís.

Na igreja conventual, entra-se através do pórtico ou pelo claustro que dá acesso imediato ao transepto. O magnífico templo alcança a superfície de 2 819 metros quadrados, de uma só nave, planta de cruz latina e uma cobertura de duas águas constrói-se no centro da povoação. Logo à entrada, de cada lado contém uma pia de granito em formato de concha para a água benta. Tem duas capelas e vários altares, sendo a capela mor a mais desenvolvida a fechar o espaço rectangular e a atrair o olhar dos crentes. A nave tem nas paredes incorporados também, lateralmente, três confessionários. Ao entrar no templo, do lado esquerdo há uma pequena sala, o baptistério de pau preto com ferragem dourada que está registado no “Estado” de 28 de Abril de 1770, por baixo do coro alto que dá entrada para a torre sineira. De cada lado da nave encontram-se dois altares interligados pelas balaustradas de madeira e outros dois no cruzeiro. A luminosidade é dada por janelões por face sendo cego o do lado esquerdo ou do Evangelho. “No dia 11 de Março de 1769 o abade de Refoyos, Fr. Tomás de S. Caetano contratou com o mestre Manuel Moreira Dias o fabrico das grades com a perfeição e segurança com que fez as do Mosteiro de Tibães que estão no corpo da igreja com suas pirâmides”⁶. E o “Estado” de 1770 anota que as grades do corpo e do Baptistério, de pau preto

⁵ ADB – *Estado Cappitolo do Mosteiro de S. Miguel de Refoyos*, 1693. Congregação S. Bento. 133.

⁶ SMITH, Robert. C. – As grades de Tibães e a sua prol (1668-1783), *Belas Artes, Boletim da Academia Belas Artes de Lisboa*, Lisboa, 1775, série 2ª, n.º. 28-29.

com ferragem dourada, estavam feitas. Contudo, sabe-se que em 11/III/1769 o abade de Refojos Fr. Luís de S. Caetano (1767-1770), tinha feito contrato com o mestre ensamblador Manuel Moreira Dias, que morava no Porto, em frente ao Mosteiro de S. Bento da Vitória, para essa obra com perfeição e segurança com que tinha feito a de Tibães, ao custo de 1100\$000 reis⁷.

Os altares laterais separados por grade de madeira colocam-se de cada lado da nave, situando-se do lado esquerdo o de N^a Sr^a das Dores e o de Santa Ana e Nossa Senhora é resguardado por vidraça. No meio está colocado o quadro com as indulgências concedidas pelo Papa Pio VI em 1787. Do lado oposto, situam-se os altares de Nossa Senhora da Conceição e o de Santa Quitéria. Conforme o Estado de 1789 “se pintarão de mármore e se dourarão na talha, e aonde o pedia a arte, os dous Altares Collateraes, e os quatro do corpo da igreja e as quatro sanefas que estão por cima delle”. Próximo, visualizam-se os dois singelos púlpitos defronte um do outro, adossados às paredes, de planta quadrangular e dosséis de cunho barroco joanino, feitos em madeira de castanho no triénio de 1777-1780, pintados e dourados no triénio de 1786 -1789, como grande parte das obras da igreja. Um dos acessos é feito pela porta com moldura de pedra da actual sacristia e outro quem entra pela porta dos claustros, do lado direito. A 11 de Março de 1769 Manuel Moreira Dias, mestre ensamblador, morador no Mosteiro de S. Bento comprometeu-se a fazer as grades e os púlpitos como em Tibães, por 1100\$000 reis e fez também, em 1770 as grades do coro e quatro estantes por 800\$000 reis.

Junto da Capela-mor, magnificamente entalhada, entra-se na ante-sacristia ou átrio da abóbada e sacristia seiscentista articulada ao claustro, a qual mantém já do triénio de 1626 -1629 o lavabo ou lavatório litúrgico de pedra. A mesa contratada em 31 de Maio de 1717 é de material de bom castanho e pau preto, com tampo giratório, onde cada arcaz que se pode considerar quase únicos, mede 1,02 metros de altura, 10,07 de comprimento e 1,17 de largura. É referida no “Estado” de 1716-1719, obra do enxambrador bracarense Agostinho Marques, como consta do contrato de 23/V/1717.

A Sacristia é uma sala ampla, com belo tecto cujo material é a pedra, abóbada arzoada e arco abatido a descansar nas mísulas. Mantém o altar barroco ao centro ladeado de ornatos graníticos e a parede tem espelhos com moldura. Tem quatro vidraças e pórtico barroco entre curiosos labores de granito e alberga um

⁷ BRANDÃO, D. Domingos de Pinho – *Obra de Talha Dourada, Ensamblagem e Pintura da Cidade e na Diocese do Porto. Documentação*, IV, 289-292; SMITH, Robert C. – As grades de Tibães e sua prol (1668-1783). *Belas Artes. Boletim da Academia Nacional de Belas Artes de Lisboa*. Lisboa, 1775, 2^a série, n^{os} 28-29. Cfr. Documentos em Arquivo Distrital do Porto – Po 2. N^o 316, fls. 34-35 e n^o 303, fls. 157-158.

altar de talha dourada. “Fez ao redor da mesma ante-sacristia de nove palmos em ateo et quatro de lazer com que fica a caza mais aprazível et amparada”⁸. Dois armários contadores flanqueiam a entrada⁹. O Estado de 1713/16 refere que “se aperfeiçoou a sacristia com hu retablo novo e com (...) de Nossa Senhora da Conceição pessa de novo com vidraça, ferros e redes”.

Suportada por vigoroso arco de berço em granito e trabalhado em estilo barroco observa-se o escadario com dois lanços que vai dar ao convento do lado nascente¹⁰. “O tecto em estuque contém os elementos separados do brasão da antiga Congregação beneditina portuguesa (Castelo, mitra segurada por dois anjos, Leão com báculo)”.. Existe, ainda, uma passagem por trás da capela-mor para o exterior e passa-se para a cabeceira da igreja, onde no alçado lateral exterior fica a varanda solário (1816) ligada também, por um escadario de pedra parcialmente descoberta, com um alpendre de três faces e uma colunata de pedra com entrada pelo portão de ferro voltada para o jardim e ribeira. A porta de entrada é encimada com o símbolo do sol feito em granito.

O “Estado” de 1816 refere “abriu-se um solário no lameiro do terreiro de noventa e duas braças”.

A Sacristia actual situa-se perto da Capela do Santíssimo Sacramento. Liga-se à igreja por duas portas: uma do lado direito quem entra pelo pórtico principal e outra próxima do transepto. É lá que se guarda a paramentaria, alfaias litúrgicas e outro espólio para a celebração da eucaristia.

A Capela do Santíssimo Sacramento, ampla e saliente, destaca-se pela planta oitavada e abóbada cilíndrica e quatro janelões. Situa-se no lado direito, ao nível do transepto, próxima da actual sacristia da ala nascente, sendo distinta pelo gradeamento de 1767 a 1786, para uso dos monges que o veio a aumentar com esta construção. O altar tem frontal, a cruz de Cristo e o sacrário ao centro. Os seis castiçais em madeira dourada que compõem a banquetta da Capela-mor encontram-se dispersos pela referida capela e capela do Santíssimo Sacramento datando do triénio de 1764/1767, quando se construiu o retábulo principal. O estado deste triénio refere que o tesoureiro “deo para meya dúzia de castiçais e cruz de Santo Christo settenta e três mil e seiscentos reis” e “ficão dadoz seis castiçais de talha de seis palmos cada hum e hua Cruz para o meyo com o Santo Christo, tem uma altura de 1,30 metros onde sobressai querubins na base e no meyo do castiçal”. A guarnecer as paredes da capela existem de cada lado dois quadros de

⁸ ADB – Estado Cappitulo do Mosteyro de S. Miguel de Refojos, 1629. Cong. S. Bento, 133.

⁹ As portas da sacristia são em madeira de angelim como informa o “Estado para Cappitulo do Most. de S. Miguel de Refojos”. 1713. Cong. S. Bento, 133.

¹⁰ DIAS, Fr. Geraldo, J. A. Coelho (OB) – *O Mosteiro de S. Miguel de Refojos: monumento emblemático de Cabeceiras de Basto*.

tela com pinturas da Última Ceia e do Milagre de Maná, encimados por sanefas de madeira. Para aí, foram trasladados os restos mortais do monge jerónimo e abade comendatário Fr. Diogo de Murça, que morreu em 1570.

No meio do cruzeiro está uma campa grande e bem lavrada com um escudo de armas dos Rebellos, Vasconcellos, Leites e Pereiras que é da Casa do Barrosão. Existem outras campas com datas de 1635, 1638, segundo Francisco Xavier Craaesbeck e parece ter existido outras com datas de 1674, 1679 e 1694¹¹. O soalho de madeira deixa, ainda, perceber os antigos taburnos de sepulturas. Em 30 de Abril de 1816 “concertarão-se de novo as campas das sepulturas e se fizerão alguas de novo”.

O claustro representa o coração do Mosteiro e como todos foram construídos para uma função. O conjunto construído ao longo do Século XVII, além de servir de acesso à igreja durante séculos, foi sítio de oração, de convívio, de reunião e sepultura de outros monges, como mostram algumas das pedras com números gravados nas sepulturas. A data de 1690 encima a porta do edifício conventual que vai dar aos claustros. Agora, acolhe a maior parte das manifestações sócio-culturais organizadas pela autarquia. Existem cinco portas e dois escadarios de granito: o da ala sul constituído por patamar de três degraus, vinte e oito de elevação e sete de nível da varanda leva ao coro alto da igreja e Câmara. A luz é recebida por duas aberturas que acompanham o ângulo do corrimão com o tecto à medida que se sobe, enquanto outro transporta aos Paços do Concelho. Uma das portas dá para a sacristia primitiva e outras duas levam ao Auditório Municipal, que se presume ser o antigo refeitório dos monges)¹². As outras ligam-se à igreja. É um corpo singular de espaço fechado, de forma quadrangular, com um andar superior fechado. É assente em nove arcos determinando quatro galerias de trinta metros cada, colunas monolíticas e gosto dórico. No espaço livre e a céu aberto encontra-se ao centro um lago granítico rodeado de cedros, outrora rodeado de buchos e murta.

O zimbório constitui uma obra importante de cantaria apreciável com oito gomos de granito assentes em colunas geminadas. A região tem potencialidades graníticas, não admira ter sido aplicada como material de construção.

De forma oitavada situa-se sobre o cruzeiro no espaço com o transepto da nave da igreja, principia a 19 metros de altura, eleva-se a uma altura aproximadamente de 35 metros, tem 12 metros de eixo maior e 10 de menor e a cúpula oval do

¹¹ CRAEESBECK, Francisco Xavier da Serra – *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano de 1726*. vol. II. Ponte de Lima. Ed. Carvalhos de Basto, Lda, 1992, p. 269.

¹² O Cabeceirense António Maria Gonçalves (completou 100 anos em 2005) recorda a existência de um púlpito de madeira nesta sala.

zimbório dá à igreja a nota verdadeiramente grandiosa e opulência em termos de arquitectura. Circunda-se por um robusto lanternim que deixa penetrar a luz no edifício religioso e exteriormente é rodeado por varandim balaustrada em granito, intercepionado por plintos que constituem a base de doze bispos e pontífices e, também, pináculos. A pétrea imagem de S. Miguel com a altura de 2,64 metros destaca-se ao centro, sendo que, o acesso é dado pela escada exterior.

No triénio de 1807 “concertou-se a cobertura de chumbo do zimbório e as vidraças do mesmo” e “em 30 de Abril de 1816 “alimpou-se todo o zimbório por dentro. Por fora se lhe fez todo o reparo (...) e necessário para evitar lhe entrar a humidade”.

O transepto notável e alongado, estilo Renascença tem quatro janelões e quatro óculos servidos por varandim circular. Mantém altares colaterais com retábulos barrocos como o de Nossa Senhora do Rosário e a imagem do Sagrado Coração de Jesus, ladeado por S. Bento e Santa Escolástica, próximo da Capela do Santíssimo Sacramento.

Na ampla capela-mor de 15 metros de comprimento, por oito metros de largura existe um retábulo de talha dourada em estilo barroco, obra prima de Frei José de Santo António Vilaça. Do lado esquerdo deixa perceber a imagem de S. Bento e a de Santa Escolástica à direita. “O remate do retábulo projecta-se para fora da vertical cobrindo a abóbada em notável construção. O “Estado” de 1764-1767 anota a construção do retábulo, sua maquineta e um quadro grande de S. Miguel, obra do escultor beneditino e irmão donato Frei José de Santo António Vilaça. O trono dourado é iluminado em dias de festa com noventa velas de cera.

Lateralmente, nesta capela existe um cadeiral monástico para a celebração da homilia e para ofícios litúrgicos solenes. Os assentos de madeira são corridos, alongando-se em dois planos sobrepostos e mais saliente duas cadeiras tipo abacial. Logo por cima do cadeiral existem três janelões com moldura de talha. Sob o cruzeiro o altar e imagem de Jesus Crucificado voltado para os fiéis, segundo ditames litúrgico-pastorais do Concílio Vaticano II.

À entrada da igreja encontra-se o coro alto assente sobre um arco abatido com nervuras e caixotões de granito. O cadeiral de madeira do coro estende-se de um e de outro lado em forma de U e compõe-se de dois andares com 45 estalas com a do abade ao centro. A encimar existem molduras vazias de quadros. A obra é do entalhador Manuel Carneiro da Costa Fernandes, de Braga, com contrato em 15/2/1768. Os estudos do Prof. Geraldo Coelho Dias deixam perceber que “as grades do coro e quatro estantes para livros grandes, 12 estantes de Breviários e 1 das Epístolas são obra do artista portuense Manuel Moreira Dias pelo custo de 800\$000 reis.

Próximo e em balcões sobre a nave encontram-se dois órgãos e a casa dos foles por trás do órgão. O do lado direito é o verdadeiro e o do lado esquerdo o

mudo. Aquele foi construído pelo organeiro galego Francisco A. Solla sendo a caixa da autoria de Frei José Vilaça e a réplica de 1771. O Estado de 1777/70/73, refere que “anda-se fazendo a caixa do órgão a qual está em bons trabalhos para se principiar a accentar”. O da esquerda contém as estátuas da Religião, Valor e Concórdia e o da direita, a Fé, Esperança e Caridade a coroar a fachada. No triénio de 1807 “pintarão-se, dourarão-se as caixas de órgãos e se fazerão canos prateados e dourados”. E ainda “a caixa ou buffet ou bacia de pirâmide invertida está assente em atlantes, verdadeiras carrancas fantásticas e algo diabólicas, foi desenhada pelo irmão donato Frei José de Santo António e é monumental em estilo barroco, talvez a mais antiga caixa de órgãos que se fez”¹³.

O cruzeiro com localização na Praça da República tem a data de 1737 e a inscrição AB. Fr. Gab. el de St^a Thereza “já antes da igreja fora mudado de sítio o cruzeiro ou padrão do largo fronteiro”¹⁴.

Actualmente a igreja em termos de função religiosa tem o secretariado de apoio à paróquia. Mantém funções neste, com abertura da liturgia eucarística.

Conclusão

A recente intervenção da DGEMN marca o relevo que representa a igreja de S. Miguel de Refojos para os seus paroquianos, que hoje se mantêm como seus guardiões.

Por toda a descrição das obras pode verificar-se a qualidade dos mestres que a edificaram, a importância e empenho da comunidade a que se destinava e os grandes impulsionadores do projecto.

Perante esta grandiosidade de construção compreendemos os louvores que Fr. Leão de S. Tomás lhe teceu nas páginas da sua *Benedictina Lusitana*, pois não esqueceu a alma beneditina. A gratidão mostra-se também pela lembrança e pela presença.

A Vila de Cabeceiras de Basto orgulhar-se-á sempre deste seu ex-libris de um passado glorioso que não volta mais.

¹³ DIAS, Fr. Geraldo J. A. Coelho (OB) – *O Mosteiro de S. Miguel de Refojos: monumento emblemático de Cabeceiras de Basto*.

¹⁴ *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, planeado e iniciado por António Alberto Banha de Andrade, dir. de Fernando Jasmins Pereira. Ed. Resistência, S.A.R.L., 1983.

